

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO III — Número 970
Quinta-feira, 19 de Janeiro de 1922
PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 98 A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL
Endereço telegraphico: Talhadas-Lisboa-Telefones 5393-6
Officina de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

A reacção clerical, com palmilhas de
lá, avança surranteira e apodera-se, su-
brepticiamente, de todos os estabeleci-
mentos de ensino. A subserviência dos
adultos permite o embrutecimento sis-
temático das crianças. Que fazem os
srs. livre-pensadores?

O novo congresso-conluio das forças do "ólho vivo"

As forças do «ólho vivo» estimuladas pelos belos resultados — para elas, já se vê, — do seu congresso realizado há pouco tempo no Porto, onde se fortaleceu o conluio económico-financeiro, que nos tem levado à triste e miserável situação em que nos debatemos, preparam já novo assalto, reunindo ainda este mês num novo congresso. Agora é na Lusitânia, em Coimbra.

Estes congressos costumam ser mais espaçados, pelo menos anuais, as nossas quadrilhas coligadas do «ólho vivo» deram-se tam-
bém com o primeiro, que pediram bis e já vão realizar outro após algumas semanas de intervalo.

E para quê? Não é por terem mudado de opinião, ou porque as circunstâncias destas semanas se alterassem de tal modo que justifi-
quem novo palatário acaciano e pachecoço.

E, evidentemente, com o fim de aumentar a exploração, a especula-
ção económica-financeira, estreitar o círculo de desespero, da miséria em que nos asfixiamos; para, quem sabe?, sair dele um complemento secreto ou ostensivo às grandes teses bolsadas e aprovadas no con-
gresso tripeiro, — complemento que talvez esqueçam e que o *Século* lombrou numa carta aberta que um redactor de semana dirigiu no
dia 1 deste mês a um conservador e em cujo assunto insistiu em
dois *seculos*, publicados respectivamente em 5 e 13 deste mês.

O congresso portueiro, tratou ostensivamente, no meio dos elogios
cabotivos entre os respectivos relatores, de teses vulgares, sem
originalidade, nem intelectualidade, eivadas dum interesse mesquinho
e grosseiro de seita, e extraiadas dum qualquer corrigido manual
de economia clássica mercantilista. Mas tratou principalmente,
nas entrelinhas dessas teses, da consolidação, da intensificação da
especulação económica-financeira, com que se tem enriquecido os
ilustres congressistas, os patriotas e honrados tratantes, traficantes
e cavalheiros de indústria... da «nossa praça».

Tratou sobretudo de unir fleiras, de ligar Norte e Sul, numa
mesma rede sugadora, na mesma grandíssima pouca vergonha de
conservar a alta dos preços e a baixa dos salários, como os factos
provariam e provam exuberantemente, com o successivo enriqueci-
mento da vida e abastecimento cambial, após esse concílio económico
dos cardeais e bispos da Finança, da Indústria e do Comércio.

E como é preciso sustentar o artifício dessa alta e dessa cono-
mitante baixa, e como um ano de intervalo poderia enfraquecer a
coação das hostes exploradoras e especuladoras, faz-se para já outro
congresso. E necessário não deixar arrefecer a... coragem, é for-
çoso, custe o que custar, manter animado, entusiástico e sem desla-
cimentos este fogo sagrado da ganância da *onid* patronal e apro-
veitar o momento até ao máximo que poder ser, para acumular
fabulosas riquezas.

Mas como a ordem natural das coisas pode reagir, e é quasi certo
que venha a reagir, e, portanto, vir perturbar a festa e apagar o riso
do satisfação glitónica e plutónica de quem se resfresca no festim
macabro da miséria física e social das crianças, das mulheres e dos
velhos, — da humanidade, — é preciso completar a obra de exploração,
com a obra de defesa, quer para ter a policia secreta ao seu serviço
a fim de manter o império da delação, do suborno da peita, da in-
triga e das denúncias falsas, etc., e dividir e desorientar aqueles
classes que são as suas vítimas e naturais inimigas, quer para seguir
talvez o citado conselho do *Século*, e o qual para não perder o sa-
hor apresentamos ao povo que nos lê:

«Mas o que fazer, afinal?»
«Fechar os ouvidos às sugestões timoradas da sua esposa me-
diocris! Convencer-se de que a melhor maneira de evitar um perigo é
prevenir-lo! Na sua rua, ouça bem, há duas dúzias de homens nas
suas condições! Os que são velhos tem filhos que o não são! Mesmo
os medrosos deixariam de ter medo se a seu lado ouvissem as vozes
claras do que o não tem!»

«Todos eles confiam na força armada!»
«Pois bem: confiem também em si!»

«Armem-se! Juntem-se!»
«Se a baralha vier para a rua, façam daquela em que habitam
um baluarte! Vinte homens armados, seja como for, com simples pis-
tois, com velhas encaadeiras, com pedras ou paus, são uma força e
um obstáculo.»

«Um homem só, em sua casa, entre os guinchos desmoralizantes
duma família, não passa, em geral, dum carneiro.»
E no dia 5 acrescentava, insistindo e confirmando o conselho aos
conservadores:

«Todo o cidadão pode pedir a sua licença de porte de arma para
defesa própria. Não a recusam a quem demonstra ter idoneidade
precisa para dela saber usar!»

«Uma vez obtida esta licença por aqueles que tivessem resolvido
unir-se, deviam alguns delegados do grupo escolhidos entre os que
inspirassem toda a confiança ao *regime*, ir expor ao senhor gover-
nador civil o acordo a que tivessem chegado.»

«O senhor governador civil é um homem e um soldado, — só po-
deria achar bem que outros homens, para a hipótese de vir um dia
a força pública a reconhecer-se insuficiente para acudir a toda a par-
te, se unissem para defender os seus lares!»

Aqui a palavra lar é sinónimo de tenda.

A defesa da tenda e o ataque organizado contra o povo é o fim
do 2.º congresso das forças do ólho vivo.

Oh! A colaboração das classes! A colaboração das classes frizada
na «crónica trabalhista» do *Shocheman*, às quintas-feiras, no mesmí-
mo *Século*, é pois esta?!

CRONICAS DE HAMON O conflito dos capitalismos anglo-francês

O capitalismo britânico e francês que tem em vista os
objectivos expostos já neste jornal, atingem presentemente
o ponto máximo do conflito, que entre eles se estabeleceu.
Este conflito afirma-se em todos os terrenos: Político em
relação à Alemanha; político para com a Rússia bolchevi-
ca; político em relação ao desarmamento, político ainda,
para com o nacionalismo turco.

Em que terreno se mostra mais agudo este conflito? É
difícil afirmá-lo com segurança. Entretanto parece que o
antagonismo mais particularmente se desenvolveu a propo-
sito das questões da Ásia Menor e do nacionalismo turco.
Diversas razões militam a favor desta ideia.

Em primeiro lugar o interesse do capitalismo britânico é
primordial nesta região por nela se conter consideráveis ri-
quezas petrolíferas e a via de comunicação Mediterrâneo-
Mar Negro-Golfo Pérsico.

Além disso o capitalismo inglês é neste terreno o único
opositor do capitalismo francês, enquanto que nas ques-
tões da Alemanha, da Rússia bolchevique e do desarma-
mento, os restantes capitalismos comprometeram-se para
com o capitalismo inglês e apoiaram-no de facto.

Há um facto muito curioso a constatar da política segui-
da pelo capitalismo francês desde Novembro de 1918, o ter
isolado. E como o país sofre as consequências dos actos
dos seus senhores, resulta que o povo francês, tam pacífico,
tam anti-imperialista e na realidade tam democrático, parece
ser um perturbador, um mata-mouros, uma espécie de ca-
pião fracasso.

Quando se exportam como representantes da sua cultura
um séquito de mancebais e de generais, necessariamente
que a colheita a esperar é a inimidade dos povos.

O militar profissional do século XX é sempre e mais ou
menos a imagem do Miles Gloriosus do poeta latino.

As conferências entre os primeiros ministros terminam
sempre na realidade por fracassos que os dirigentes pro-
curam ocultar sob um dilúvio de palavras e de notas ofi-
ciais ou oficiais que nada dizem.

Tais fracassos são inevitáveis porque os interesses que re-
presentam estes primeiros ministros dos capitalismos inexor-
avelmente se chocam. Nenhum quer ceder e entretanto é
forçoso que qualquer deles ceda ou que cedam ambos mais
ou menos. O capitalismo francês será o que mais deve ce-
der, porque evidentemente não é o ponto de vista económico
que a opinião pública mundial se tenha mais ou menos
indistinto com a França.

Quando nos recordamos da força moral que o povo
meio da França conseguiu para o seu país, pela sua tenaci-
dade, indefectível nas trincheiras, pelas suas batalhas de
Verdun e quando vemos como se perdeu esta força moral,
como ela desapareceu por causa da política estúpida dos
dirigentes capitalistas, somos forçados a constatar a obra
anti-patriótica de tais dirigentes. É uma amarga ironia,
ouvi-lo falar de patriotismo, vê-los erigirem-se em seus
protagonistas, quando pelos seus actos são os seus piores
inimigos.

O capitalismo francês vê-se forçado em todos os
pontos em debate, a ceder ao capitalismo britânico que
tem uma compreensão menos retardatária da actual situa-
ção. É isto já pode ser notado na adopção da proposta
inglesa para a reconstrução económica da Europa.

No consórcio capitalista internacional para reconstruir a
Europa economicamente a finança francesa terá a sua
parte, que longe está de igualar a do capitalismo britá-
nico ou americano. Quanto à indústria e ao comércio fran-
cêses queixam-se estes por intermédio dos seus órgãos espe-
ciais de serem os esfacelados. E os seus queixumes são
relativamente justificados, porque a Finança em primeiro
lugar procura puxar a bruxa à sua sardinha.

Por isso na imensa luta social do presente, assistimos a

lutas entre «classe» capitalistas segundo as nações, e no
seio duma dada nação entre os grupos capitalistas com
interesses mais ou menos divergentes.

A construção capitalista da nossa sociedade assenta sobre
a concorrência e a concorrência arrasta à luta, deixando de
lado a Solidariedade, que é a força natural que acaba sem-
pre por predominar sobre todas as outras forças, ser no
plano sociológico a equivalente à coesão, força sen a qual
nada existiria quer no plano físico, químico ou biológico.

No actual conflito entre os dois capitalismos, o britânico
e o francês, a vitória pertencerá ao primeiro, mas natural-
mente mitigada. O acordo far-se-á por compromissos.

A questão consiste portanto em saber em que proporção
o capitalismo francês será forçado a ceder ao capitalismo
britânico apoiado pelo capitalismo americano, italiano, bel-
ga e alemão.

Não conhecemos com a suficiente precisão o poder das
forças em presença para poder determinar estas proporções.
Mas o acordo em princípio que acaba de realizar-se em
Cannes, deixa prever que o capitalismo francês cedeu no
ponto de vista da sua política russa. É provável que ceda
também sob o ponto de vista da sua política alemã, porque
neste ponto ainda, os outros capitalismos mostrar-se-ão
intransigentes, pois sentem muito bem que todo o seu esor-
ço se deve exercer com o fim de levantar a situação finan-
ceira da Alemanha que é o fulcro da sua própria situação
económica.

A solidariedade existe, mesmo que a neguemos e que re-
cusemos vê-la.

Portanto tanto o capitalismo britânico como os restantes
capitalismos têm por sua parte que ceder também um pou-
co, para não eternizarem uma luta que os conduz à morte.
Parece provável que estas concessões se efectuem na Ásia
Menor por meio de um acordo a propósito do tratado de
Angora.

É inevitável que deste modo, os dirigentes da Gran-
Bretanha abandonarão toda a política por eles seguida há 4
anos, política de violência anti-musulmana, da qual encon-
tramos um eco um pouco parcial no *Nacionalismo Turco*
de Madame Berthe George-Gantlis.

Mas a política britânica é suficientemente dúctil e hábil
para se não deixar ofuscar por uma mudança de frente, que
não será uma mudança de fim, mas sim uma simples mu-
dança do caminho a percorrer.

Os acontecimentos do Egito e da Índia têm mostrado aos
dirigentes ingleses que por completo têm errado na sua
política asiática e principalmente musulmana. E segundo
cremos, estão nas vésperas duma mudança de política.

Irão portanto negociar com os Kemalistas e entenderem-
se com os capitalistas Franceses para uma partilha da Ásia
Menor em zonas de influência.

Será esta a paga pelo abandono por parte dos capitalis-
tas franceses da sua política russa e alemã. A Igreja Ca-
tólica liga mais importância a uma possessão na Ásia Me-
nor que à continuação da política anti-bolchevique e à ocu-
pação do Ruhr.

E actualmente é a Igreja Católica, representada pela So-
ciedade de Jesus, a força dominante no conjunto das forças
capitalistas que dirigem a política francesa.

Portanto entre estes grupos capitalistas em luta fratricida,
de assim posso expressar-me, realizar-se há um acordo
e um compromisso.

Quer isto dizer que por este meio conseguirão a recons-
trução económica da Europa e refazer a paz como eles afir-
mam? Não o julgamos possível. Fracassaram porque o seu
esforço é um pouco tardio e sobretudo porque não de-
sejaram antes de mais a paz, mas sim a sua ruína
perante os meios a empregar para conjurar a sua ruína
meios, os dos sindicalistas, os socialistas e os pensado-
res livres lhes indicam há uns poucos de anos. Conseguirão
quando muito melhorar momentaneamente a situação
económica e prolongar a marcha para a catástrofe final,
que me parece inevitável, dados as actuais circunstâncias.

Augustin Hamon

Notas e Comentários

Registamos Surgiu anteontem a
notícia de que aquele cé-
lebre caso dos 50 milhões, comedia e
que entraram vários financeiros e que
custou ao país 50 milhões de transfor-
mações, tinha sido armado por se provar
que juridicamente não se podia provar
que criminosos ou, tribunal. Ontem po-
rém um illustre desconhecido disse a Vi-
ória que não se sabe, que o caso não
estava armado e o processo seguirá
os seus trâmites.

Registamos. Cezimbra dis-
creta e calma,
praia de pesca-
dores, tem um barbo-ir duma pequenina
miscoscópica e dum espírito que não ex-
cede a sua estatura. José Manuel de Car-
valho Loureiro se chama o barbeiro que
acima sucintamente descrevemos e cuja
inteligência vamos revelar nestas duas
rápidas linhas que seguem:

Um amigo de Pen- Cezimbra dis-
che... em Cezimbra creta e calma,
praia de pesca-
dores, tem um barbo-ir duma pequenina
miscoscópica e dum espírito que não ex-
cede a sua estatura. José Manuel de Car-
valho Loureiro se chama o barbeiro que
acima sucintamente descrevemos e cuja
inteligência vamos revelar nestas duas
rápidas linhas que seguem:

Um freguês entra no seu estabeleci-
mento e inquiri onde se podia encon-
trar a venda A Batalha. Réplica pronta
do barbeiro:

— Eu não sei onde se vende semelhante
fábrica de bombas. E dita esta espiritu-
alíssima frase pôs-se a espinheirar rui-
dosamente contra o jornal. Ser o bar-
beiro leitor convencido do *Século* ou
será ele o receptáculo espiritual onde o
referido jornal se inspira? É possível
que assim seja, tam semelhantes são as
suas opiniões e o jornal da rua Formosa
e o barbeiro de Cezimbra. Diremos
mesmo: tal barbeiro, tal jornal.

Coitados... A Imprensa da Ma-
nhã num artigo escrito
em estilo de epíteto, entre flores de
retórica, convidava o operariado a ir às
urnas para salvar a república das gar-
ras dos monárquicos. Aqueles berros
desesperados, a favor, não da república
mas dos republicanos que tem manda-
do sovar os operários e lhes cercaram
tantas regalias, não nos convencem. Coi-
tados, com medo que os monárquicos
vão ao parlamento.

Parece que os republicanos não estão
habituação a fazer revoluções e dissol-
ver as câmaras quando lhes convém.
Não querem os monárquicos no parla-
mento? Dissolvam-no! Não queiram trans-
formar os operários em cães de guarda
dos republicanos.

Quem n's dera... Houve alguém
que afirmou que
as eleições realizadas não no dia 29,
custe o que custar, a não ser que des-
pareçam governo, chefe de estado, ex-
ercito e todas as forças organizadas. Quem
diz que as eleições não se realizarem
no dia 29, para que governo, chefe de
estado, exercito e todas as forças inteis
organizadas nos desamparassem a loja.
Haja esperança, porquanto nos pare-
ce que as eleições não se realizam.

Na redacção da Luta reuniram on-
tem de tarde os artistas novos a fim de
tomarem conhecimento das *demarções*
levadas a efeito por uma comissão para
conseguir a entrada dos recusados na
Sociedade Nacional de Belas Artes.

Entre outras resoluções ficou assente
a constituição duma nova sociedade, da
qual farão parte os artistas recusados.
Para discussão dos estatutos da nova
sociedade efectua-se amanhã, pelas 10 e
meia horas e no mesmo local, uma ou-
tra reunião.

Na redacção da Luta reuniram on-
tem de tarde os artistas novos a fim de
tomarem conhecimento das *demarções*
levadas a efeito por uma comissão para
conseguir a entrada dos recusados na
Sociedade Nacional de Belas Artes.

Entre outras resoluções ficou assente
a constituição duma nova sociedade, da
qual farão parte os artistas recusados.
Para discussão dos estatutos da nova
sociedade efectua-se amanhã, pelas 10 e
meia horas e no mesmo local, uma ou-
tra reunião.

Na redacção da Luta reuniram on-
tem de tarde os artistas novos a fim de
tomarem conhecimento das *demarções*
levadas a efeito por uma comissão para
conseguir a entrada dos recusados na
Sociedade Nacional de Belas Artes.

Entre outras resoluções ficou assente
a constituição duma nova sociedade, da
qual farão parte os artistas recusados.
Para discussão dos estatutos da nova
sociedade efectua-se amanhã, pelas 10 e
meia horas e no mesmo local, uma ou-
tra reunião.

Na redacção da Luta reuniram on-
tem de tarde os artistas novos a fim de
tomarem conhecimento das *demarções*
levadas a efeito por uma comissão para
conseguir a entrada dos recusados na
Sociedade Nacional de Belas Artes.

Entre outras resoluções ficou assente
a constituição duma nova sociedade, da
qual farão parte os artistas recusados.
Para discussão dos estatutos da nova
sociedade efectua-se amanhã, pelas 10 e
meia horas e no mesmo local, uma ou-
tra reunião.

Na redacção da Luta reuniram on-
tem de tarde os artistas novos a fim de
tomarem conhecimento das *demarções*
levadas a efeito por uma comissão para
conseguir a entrada dos recusados na
Sociedade Nacional de Belas Artes.

Entre outras resoluções ficou assente
a constituição duma nova sociedade, da
qual farão parte os artistas recusados.
Para discussão dos estatutos da nova
sociedade efectua-se amanhã, pelas 10 e
meia horas e no mesmo local, uma ou-
tra reunião.

Na redacção da Luta reuniram on-
tem de tarde os artistas novos a fim de
tomarem conhecimento das *demarções*
levadas a efeito por uma comissão para
conseguir a entrada dos recusados na
Sociedade Nacional de Belas Artes.

Entre outras resoluções ficou assente
a constituição duma nova sociedade, da
qual farão parte os artistas recusados.
Para discussão dos estatutos da nova
sociedade efectua-se amanhã, pelas 10 e
meia horas e no mesmo local, uma ou-
tra reunião.

Na redacção da Luta reuniram on-
tem de tarde os artistas novos a fim de
tomarem conhecimento das *demarções*
levadas a efeito por uma comissão para
conseguir a entrada dos recusados na
Sociedade Nacional de Belas Artes.

Entre outras resoluções ficou assente
a constituição duma nova sociedade, da
qual farão parte os artistas recusados.
Para discussão dos estatutos da nova
sociedade efectua-se amanhã, pelas 10 e
meia horas e no mesmo local, uma ou-
tra reunião.

Secção Instrutiva

Brevíssimas noções de matemática

No que vai ler-se não se espere
um tratado completo da sciencia
matemática que nem a competência
de quem subscryve estas linhas
nem o espaço disponível desta fo-
lha permitem levar a efeito.

O nosso propósito é simples-
mente ministrar resumidos ele-
mentos que desportem no leitor o
gosto por se instruir; por ao seu
alcanço, sob a forma mais assimi-
lável de artigos ligeiros, alguns
conhecimentos sólidos que as ocu-
pações de cada dia e os recursos
monetários não consentem ao ge-
ral dos curiosos adquirir em tra-
dados ou na frequência de aulas
da especialidade.

Demais, a epigrafe não é de
molde a criar ou a manter ilusões.

Brevíssimas noções: eis o que
pretendo fornecer ao leitor. Muito
satisfeito ficarei se delas resultar
utilidade prática, quando mais
não seja a de lhe inspirar o desejo
de conhecer obras de maior fo-
lego.

Isto pôsto, entremos na matéria.

Aritmética

I

Sciência dos números, se
chama esta parte das matemá-
ticas.

Operações aritméticas são
combinações de números de que
resultam outros números.

E' da formação deles, da sua
composição e decomposição que a
aritmética se ocupa.

Há, além de outras, quatro ope-
rações ditas fundamentais: «so-
mar», «diminuir», «multiplicar» e
«dividir».

Supomo-las conhecidas do le-
itor.

Mas:

«Que é número? Parece
pernir a pergunta; talvez mesmo
ociosa.»

E' possível, contudo, que mos-
tros não saibam bem a sua natu-
reza. O número é o resultado da
comparação duma grandeza com
uma unidade. E aqui impõe-se de-
finir o que é:

Grandeza. Em aritmética cha-
ma-se assim tudo que pode aumen-
tar ou diminuir. Assim o tempo
que pode ser maior ou menor, é
uma grandeza.

A dor que aumenta ou diminui
é uma grandeza. O peso, a linha, o
espaço, etc., são grandezas porque
são susceptíveis de aumento ou
diminuição.

Medir uma grandeza é com-
pará-la com outra grandeza da
mesma espécie.

Se pretendemos medir o peso
dum corpo, não o poderemos fazer
senão comparando esse peso com o
peso de outro corpo, por exemplo
o de uma pedra. Para acharmos o
comprimento duma táboa, teremos
de o comparar com o comprimento
dum objecto qualquer, por exem-
plo, o de uma bengala.

Se quisermos avaliar ou medir
o espaço duma sala, forçoso se
torna comparar esse espaço com
outro espaço qualquer, por exem-
plo o duma caixa.

E, no final, acharemos que da
comparação resultou ser o peso do
corpo equivalente a tantas vezes
(5, 10, 20 vezes, etc.) o peso da
pedra, que o comprimento da tá-
boa é igual a 2, 3, 5, 10, vezes,
etc. o comprimento da bengala; e
por último ficaremos sabendo que
o espaço da sala é representado
por umas tantas vezes (3, 7, 40
vezes, etc.) o espaço da caixa.

Essas tantas vezes (5, 10, 20,
40, etc.) que uma grandeza se con-
tem ou pode ser contida noutra
grandeza, é que é o número.

Unidade. A grandeza da ca-
ixa, da pedra, da bengala, qualquer
grandeza enfim que sirva para
medir, avaliar as grandezas des-
conhecidas, chama-se «unidade».

E vê-se do exposto que a uni-
dade deve ser da espécie da gran-
deza que desejamos medir. Por
isso a unidade para os compri-
mentos deve ser outro compri-
mento; para os espaços, tem de
ser outro espaço; para os pesos,
outro peso.

Grandezas comensuráveis
A palavra comensurável quer di-
zer: que se pode medir. Ora nem
todas as grandezas se podem me-

dir. Por isso se dizem grandezas
comensuráveis as que são suscepti-
veis de medição. O comprimento, o
peso, o espaço, são grandezas co-
mensuráveis.

Grandezas incomensurá-
veis. Mas a dor, a alegria, etc.,
sendo grandezas, porque podem
aumentar ou diminuir, não podem
ser medidas. Que ideia faz al-
guem duma cofalalia se nunca
sofreu disso? E se sofreu, pode
dizer que a sua dor de cabeça é
2, 3, 4, 5, etc. vezes maior ou
menor do que a de outra pessoa?
Evidentemente, não! Estas gran-
dezas são, portanto, incomensu-
ráveis.

Continuas. se dizem ainda as
grandezas que podem aumentar ou
diminuir em parcelas tam peque-
nas quanto quisermos. O tempo,
o espaço, o peso, o comprimento
são grandezas continuas. Se as di-
vidirmos o subdividirmos em par-
celas mínimas ou se as multipli-
carmos por um ínfimo que seja, os
resultados serão ainda compri-
mentos, pesos, espaços, tempos.

Descontinuas. Mas as gran-
dezas não são susceptíveis de au-
mentos ou diminuições por graus
tam insensíveis quanto desejarmos.
Um grupo de dez homens, por
exemplo, o mínimo que pode au-
mentar é dum homem incontestá-
velmente. Em sentido inverso, não
poderá igualmente ser diminuído
dum quarto de homem ou de meio
homem... O menos que poderá
diminuir será dum homem eviden-
temente. Também não poderá ser
reduzido a menos de dois homens,
porque, de contrário, deixaria de
ser grupo. Logo um grupo de
homens é uma grandeza desconti-
nua. Similantemente um caderno
de papel, etc.

Prosseguiremos.

José Carlos de SOUSA

No Sul e Sueste

Realizou-se ontem a visita

às oficinas e estação do Barreiro

Eram treze horas quando o director
dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste,
sr. Plínio da Silva, convidou os re-
presentantes da imprensa a tomarem lugar
no vapor que os conduziu ao Barreiro.
Na estação da vila o director, que se
fazia acompanhar pelos engenheiros
srs. Diogo Neves Cabral e Rufino Mendes,
era aguardado pelo engenheiro sr. Ca-
bral, empregados de várias categorias
e representantes do Sindicato do Pes-
soal do Sul e Sueste.

Numa das salas da estação o sr. Plínio
da Silva fez um rápido discurso à im-
prensa, esclarecendo que a razão do
convite se cifrava no facto de os re-
presentantes dos jornais analisarem o
estado cástico em que se encontravam
certos serviços, concluindo por se referir
cogitadamente aos ferroviários. A visita
iniciou-se pelas oficinas gerais constan-
tando-se em todas elas a falta de ma-
quinas e ferramentas e a existência de
máquinas antiquadas. As condições hi-
gienicas das oficinas são deploráveis,
choyendo nelas de inverno.

Então os operários tapam as máqui-
nas com encardos e suspendem o tra-
balho. Só o retomam quando a chuva
dessa. A reparação de caldeiras é feita
ao ar livre.

De inverno, se chove, e de verão
quando o calor é intenso tem de paral-
izar o trabalho. Todos estes prejuizos
advêm como facilmente se depreende
da má administração dos caminhos de
ferro que, facilmente, os poderia ter
evitados.

A água que o pessoal bebe foi já
duas vezes analisada e considerada
imprópria. Contudo o pessoal é ainda
hoje forçado a beber a com grave e
constante risco da sua saúde.

Os operários durante a visita apor-
tam desasombrosamente as deficiên-
cias, ao passo que alguns funcionários
superiores pintavam tudo cor de rosa,
procurando sistematicamente ocultá-las.

Estão vinte e quatro locomotivas por
reparar num local que o pessoal deno-
minou pitorescamente de «morgue» da
máquina. Aí se pode ver a obra de
ex-ditador do Sul e Sueste, Raul Este-
ves. Só ficaram em bom estado, após a
greve, as locomotivas que o pessoal tí-
nha sabotado. Se assim não fosse não
escaparia à sanha destruidora uma única
locomotiva.

Na oficina de via e obras, o enge-
nheiro sr. Sobral referiu-se eloquente-
mente ao fiscal das pontes Francisco
Vieira, salientando a sua habilidade
profissional, sendo ali examinado o ves-
tário e refeitorio que vão inaugurar-se
brevemente.

Por proposta do engenheiro sr. So-
bral, o sr. Plínio da Silva ordenou que
o pessoal saísse ontem uma hora mais
cedo.

Na oficina de estofado um operário
queixou-se amargamente da sua condi-
ção, demonstrando as más condições
em que nela se trabalha.

Perto da oficina de pintura encontra-

Conferencias

No Sindicato do Pessoal do Arse- nal do Exército

Na 4.ª secção da Universidade Popu-
lar Portuguesa, instalada no Sindicato
do Pessoal do Arsenal do Exército, ao

C. G. T.

Conselho Confederal

Antes da ordem

Para continuação dos trabalhos da reunião anterior, reuniu o Conselho Confederal. Antes da ordem dos trabalhos, o secretário geral propôs para que seja tornado público, para conhecimento da organização, o extracto das sessões do Conselho Confederal em que foi presente a deliberação do Comité de enviar à Rússia um delegado, e em que este, já regressado, deu conta dos seus trabalhos, sendo aprovado, tendo sido igualmente resolvido que a comissão que ficou encarregada de elaborar a "Ordem do dia" relativa às relações da C. G. T. portuguesa com a I. S. V. conceda a este trabalho para ser presente a uma próxima sessão do Conselho.

H. Matias e Júlio Luís tratam de questões relativas ao próximo congresso confederal, sendo resolvido que a comissão organizadora, de harmonia com as deliberações já tomadas, proponha ao Conselho o que julgar conveniente. H. Matias pergunta, ainda, se já se esclareceu a questão—Major, sendo deliberado convidar esse camarada a dar explicações ao Conselho na próxima reunião.

Ordem dos trabalhos

E' lida uma carta do camarada Manuel Afonso na qual apresenta a sua demissão da C. G. T. Depois dum observação do camarada Martins Grilo, da F. Mobilizadora, e de este se considerar esclarecido, Júlio Luís, dos Arsenalistas do Exército, diz que Manuel Afonso é um dos elementos de valor da organização, e que não explicando quais os motivos da sua demissão, entende que não se lhe deve aceitar a demissão.

A. Portela, da F. Corticeira, não vê motivos plausíveis para que Manuel Afonso tome semelhante deliberação, tanto mais tratando-se dum militante com responsabilidades. Isso equivaleria a fugir dos indivíduos que tem andado a brincar com a organização. Termina por pedir que aquele camarada explique as razões fundamentais do seu pedido de demissão.

Miguel Correia, do Sul e Sueste, concorda com a opinião dos camaradas que já se pronunciaram. Refere-se aos termos da carta de Manuel Afonso, dizendo não saber se nos mesmos é atingido, terminando por expor a necessidade daquele camarada, noutra sessão do Conselho, justificar o seu pedido de demissão.

O secretário geral diz que, provavelmente, as palavras a que o camarada anterior se referiu são a resultante da forma como se tem procedido para com os indivíduos que dentro e fora da organização tem movido a intriga e a maledicência que a si mais do que a ninguém atinge.

Refere que Manuel Afonso já no Comité lamentou a falta de energia e de decisão havida a propósito duma questão suscitada no Barreiro, quando se comemorou a greve ferroviária e em cuja sessão foi escandalosamente insultado e injuriado por um indivíduo irado da C. G. T., injúria que não só o atingiu pessoalmente como a própria C. G. T., que naquela sessão representava. Essa questão, assim como uma certa pusillanímia que tem permitido o crescimento da vaga dissolvente no seio da organização, foram, naturalmente, os motivos que determinaram os termos em que a carta está feita e o seu pedido de demissão.

Neves Dias, da F. do Livro e do Jornal confirma e reforça os esclarecimentos do secretário geral, pois M. A. a si mesmo lhe apresentou idênticas razões. J. P. dos Santos, da U. S. O., da P. de Varzim afirma que M. A. é dos poucos camaradas que a seu lado sempre tem trabalhado na organização desde o tempo em que os militantes se uniam estreitamente pela defesa dos ideais comuns, acreditando que só as razões expostas pelo secretário geral o levariam a tomar aquela decisão. E' o seu opinião que a C. G. T. tem que marcar energicamente a sua posição, para não con-

va-se a luxuosa carruagem que o rei Victor Manuel de Itália ofereceu à falecida rainha D. Maria Pia e a antiga carruagem-salão dos príncipes, que hoje serve para conduzir as personalidades de destaque da democracia vigente.

Foram também visitadas a central eléctrica, a secção de desenho, o depósito das máquinas, o laboratório de ensaios, diversas repartições, armazéns e as restantes dependências da estação.

A visita foi longa e minuciosa. No seu decurso verificou-se que as culpas do estado caótico em que certos serviços se encontram pertencem exclusivamente aos indivíduos que tem dirigido os caminhos de ferro. Provou-se também exuberantemente que os operários tem sido duma grande dedicação e proficiência técnica, chegando por vezes a operar verdadeiros milagres.

O sr. Plínio da Silva e os representantes da imprensa retiraram para Lisboa no vapor das 17 horas.

LEDE

NOVELA VERMELHA

Ainda anarquista

Grupo Anarquista "Clarão". Este grupo reuniu ontem no local n.º 1, a pedido de um dos componentes, para tratar da melhor forma de prestar auxílio ao camarada Samuel Júlio de Carvalho, preso ontem, acusado de propaganda dissolvente.

Ficou constituída uma comissão para auxílio ao mesmo camarada, devendo a correspondência ser dirigida para o camarada Cristiano Alfredo Cagliari, na travessa da Boa Hora, 24, 3.º.

Este grupo volta a reunir hoje, pelas 20 e meia horas, no local n.º 12, D. S. Fede-se a presença de todos os componentes.

Grupo Libertário "Terra Livre". Reúne hoje, pelas 20 horas, no mesmo local.

Ferroviários DO Minho e Douro

Uma reunião na Régua

PORTO, 16. — E. — Em virtude de haver sido retirado dos grupos a que pertencem ao decreto 7016 algum pessoal, para efeito de concessão de subvenções como determina o decreto 7958, a União Ferroviária, querendo ouvir o pessoal, vem realizando reuniões para esse efeito, desejando assim demonstrar a sua inculcabilidade na distribuição das subvenções, como se prova conclusivamente nas reclamações entregues ao governo pela comissão de melhoramentos dos ferroviários do Estado.

Na Régua, e na Associação 1.º de Maio, teve lugar a terceira dessas reuniões, à qual presidiu José Quesada, secretário-geral Manuel Augusto Mendes e Tobias Ferreira.

O camarada Duarte, como membro da comissão de melhoramentos, expôs a forma como decorreram os trabalhos em Lisboa, junto do governo. A sua exposição, clara e precisa, causou no pessoal a melhor impressão, que ficou absolutamente convencido de que a distribuição das subvenções foi obra exclusiva do governo, não podendo a comissão, por mais esforços que empregasse, conseguir saber como ela se fez elaborada.

Refere-se depois com elogio à União Ferroviária, atacando aqueles que pretendem atingir-lhe, terminando por demonstrar o erro em que caíram aqueles que pensavam abandonar aquele organismo, supondo-o culpado na distribuição, sendo muito aplaudido.

Fala a seguir Adriano Monteiro, presidente da U. F. e membro da comissão de melhoramentos, que também se refere ao que se passou em Lisboa, constatando que os governos, pela boca dos seus ministros, faltam à sua palavra com a maior sem-cerimônia. Demonstrou que aqueles que faziam parte da comissão de melhoramentos não consentiam na distribuição de subvenções que não fosse baseada em sãos princípios.

Faz a defesa da União Ferroviária, apelando para a consciência dos seus camaradas, para que pensem a sério na sua situação, indicando aqueles que o desconhecem, que é na U. F. o seu lugar. Faz ainda uma palavra o camarada Júlio de Carvalho, que termina por levantar vivas à organização operária, sendo delirantemente correspondido.

Foram aprovadas moções: no sentido de ser elevada a cotidiana situação de um escudo, a partir de 1 de Fevereiro; de apoio à acção dos camaradas do Sul e Sueste; de protesto energético contra a reorganização do decreto 5605 sem a interferência do pessoal; de protesto contra quaisquer perseguições ao pessoal se elas surgirem da parte dos empregados afastados desde 19 de Outubro e agora reintegrados; e para que o pessoal retirado dos grupos a que pertence pelo decreto 7016 volte ao seu lugar e se lhe conceda a subvenção que lhe corresponda, incluindo em um dos grupos os praticantes.

O presidente faz o elogio da comissão de melhoramentos, e o camarada Monteiro propõe que seja enviado um telegrama de saudação aos camaradas do Sul e Sueste, o que a assembleia aprovou com uma salva de palmas, sendo em seguida encerrada a sessão.

Foi nomeada a comissão administrativa da Delegação da União Ferroviária naquela vila, devendo ser-lhe dada a posse muito em breve.

Interesses coloniais

O alto comissário de Moçambique publicou um diploma que tem por principal objecto promover rapidamente a construção de casas de habitação.

Estão muito adelantadas as negociações para a constituição de um organismo que leve a efeito a navegação do Limpopo, a fim de se desenvolver a agricultura em Moçambique.

O governador de Cabo Verde informou que está pondo em prática várias medidas de saneamento em S. Vicente, a fim de extinguir a peste, tendo mandado isolar todos os atacados. Os casos que se tem dado são de carácter benigno.

Foi dotado com 40 contos o hospital de Malange.

Imprensa

Começou a publicar-se na terça-feira passada, o diário *O Rebelde*, propriedade das comissões do partido republicano português, de Lisboa.

Desejamos-lhe prosperidades.

A questão da Carris

O sr. Freire de Andrade e Baptista Couto, directores da Companhia Carris de Ferro, conferenciaram ontem com o presidente do ministério sobre as reclamações do pessoal e questão dos passeios.

Quedas

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo Manuel Lopes Pinho, de 57 anos, natural de Torres Novas, porteiro e residente na rua Gomes Freire, 144, 1.º, que caiu por uma escada na rua do Jardim do Regedor, ficando ferido na cabeça.

No mesmo Banco, recebeu curativo José Rosa, de 47 anos, servente, morador na rua do Bemfornoso, 207, 2.º, que no largo do Intendente deu uma queda, ficando ferido na cabeça.

MÚSICA

Concertos no Politeama

A Orquestra Sinfónica de Lisboa, que pela sua admirável organização podemos considerar a mais completa que entre nós tem existido, propõe-se tocar, sob a direcção do seu regente de há duas épocas, o insigne maestro Fernandes, no domingo próximo, no Politeama, em 9.º concerto de assinatura, um programa soberbíssimo, a que afizemos referência e de que hoje queremos destacar a "Réverie Orientale", de Glazounov, 1.ª audição em Portugal; a "Morte e Transfiguração", de Strauss; a "Sinfonia Incompleta", de Schubert; os "Goyescas", de Granados.

As restantes obras pertencem a Brahms, Wagner, Weber, Flavião Rodrigues e Beethoven.

TEATRO SÃO LUÍS

Compagnia de operetas de ARMANDO VASCONCELOS
de qual faz parte a actriz
AUSÉNDIA DOLIVEIRA
TODAS AS NOITES

Ainda opereta em 5 actos,
de costumes brasileiros, original de
D. José Paulo da Câmara
e Lina d'Oliveira, musica de
Filipe Duarte

A MORENINHA

Encantadora música — Brilhante
encenação — Cenários deslumbrantes — Luxuosa guarda-roupa

AS GREVES

Manufactores de Artigos de Viagem

Esta classe que com energia tem lutado pela satisfação do aumento que reclamam do patronato, reuniu ontem em assembleia para apreciar uma plataforma enviada pela União dos Industriais em que estes oferecem um aumento de 30 por cento aos profissionais, ajudantes e aprendizes, e o salário fixo de 7300 para os operários caixeiros.

Os grevistas, ponderando a insuficiência do aumento oferecido perante o aumento crescente do custo da vida, unanimemente resolveram manter-se lutando até que os industriais compreendam que em seu próprio interesse devem solucionar o conflito—que só eles provocaram—a contento do seu pessoal.

Mais resolveram enviar aos industriais as seguintes bases para solução do conflito:

1.º—Em presença das actuais difíceis condições de vida, com tendências a agravarem-se, os operários não podem dispensar a reclamação primitiva de 50 por cento;

2.º—Como ponto de transigência para mais rápida solução, a classe pede o pagamento dos dias de greve, renovando todavia esta reclamação caso o conflito não seja solucionado até ao próximo dia 21;

3.º—Para os operários-caixeiros as comissões de vendas, cedidas voluntariamente pelo patronato serão sobre os 50 por cento reclamados;

4.º—Todos os grevistas, solucionado o conflito, retomarão os seus lugares, não consentindo a classe que sobre os mesmos sejam exercidas quaisquer represalias a fim de evitar um novo conflito.

Nota do Comité

CAMARADAS:—O vosso movimento acaba de ser levado a uma nova fase. Os vrs. industriais que em seu intuito devem reconhecer que a miséria tem imperado em nossos lares, regateando um aumento que a breve trecho será absorvido pela ganância comercialista, fazem protelar a solução deste conflito.

Assim o queremos! Pois bem: Nós que torçamos fômos a enveredada pela senda em que nos encontramos arcaremos com todos os sacrificios até que sejamos atendidos, isto que nos assiste a justiça!

Mantei a mesma vigilância e firmeza e aguardai que sobre as bases que apresentamos os nossos patrões se pronunciem. Viva a solidariedade e a U. O. Comité.

Manipuladores de pão de Setúbal

SETUBAL, 18. — C. — Tendo esta classe reunido para apreciar a actual situação que atravessa, assim como a de todas as classes trabalhadoras, resolveram reclamar dos industriais mais 100 000 sobre os salários actuais, que não as atendem.

Em face de tal atitude, os operários largaram o trabalho, declarando-se em greve e dirigiram-se imediatamente para a sua associação de classe onde se tem conservado em sessão permanente.

Esta classe reunida, e apreciando a atitude intransigente dos industriais, resolveu transgredir no seu pedido para 50 000, o que lhes foi comunicado.

Pois os industriais, não querendo saber das necessidades dos operários, não atenderam ainda, resolvendo mais ir perante as autoridades administrativas declarar que não se responsabilizavam pela falta de pão, pois eles não eram os culpados porquanto não podiam dar mais que 10 000 sobre os actuais salários.

Em face disto e para não dar azo a que os industriais apelassem para novo aumento do preço do pão, os operários reunidos mais uma vez transgrediram para 25 000 no seu pedido, mantendo-se firmes.

A classe dos manipuladores de pão resolveu mais, para se justificar perante as outras classes e o povo em geral, fazer uma estatística e dá-la à publicidade, por intermédio do órgão da imprensa das classes trabalhadoras organizadas, para demonstrar bem claramente que pode ser atendida no seu justo pedido sem os industriais terem que aumentar o preço do pão. A estatística é a seguinte:

Despesa:—Duas sacas de farinha 105\$30; pago aos manipuladores de amassar e cozer, 5\$00; pão para aquecer o forno e contribuição de décima, 4\$00; água, sal, luz e lavagem de roupas, 4\$00. Total, 118\$30.

Receita:—Duas sacas de farinha, depois de manipuladas, dão o menos 204 quilos de pão, que vendidos a 65\$ cada quilo somam 132\$60; retirando 118\$30 para cobrir as despesas, fica ainda de receita líquida por cada duas sacas, 14\$30.

Isto é, os industriais, fabricando só duas sacas, o que é raríssimo porque na sua maioria fabricam três e mais por dia, pagando o mesmo que pagariam por duas sacas, e tendo a pagar pouco mais de despesas diversas, ganham sempre mais do que frizam os acimas.

Como acabam de observar, não são os operários que agravam a carestia da vida pedindo mais uns míseros vinténs para atenuar um pouco a sua crítica situação.

Limitam-se a ganhar pouco, o que se prova com a transigência para 25 000, quando haviam reclamado 100 000. Não tem portanto razão os industriais em aumentar o preço do pão.

Os manipuladores de pão continuam em greve, mantendo-se firmes até que sejam atendidas as suas reclamações.

TEATRO APOLO

5.ª FEIRA, 19 e 21.15

RECITA ESPECIAL DO ACTRIZ

ALBERTO SILVA

e da discípula

OSARIA HENRIQUES

em encenação revista

E' O LEVAS!

com atracções...

Bilhetes à venda para as recitas

especiais de Vila Nova, João

Santos e Rosa Mateus

Últimas notícias

TEATROS

Primeiras

POLITEAMA. — Uma visita de casamento por Alexandre Dumas (filho). — Idílio de Velhos por Lavetony.

Não foi feliz Lucinda Simões, na escolha que fez das peças para a sua festa artística. Uma actriz da sua envergadura, não deve rojar a arte que possui, por reportórios de teatro de amadores, de onde aliás tem saído algumas bem reputadas figuras masculinas e femininas da nossa scena. Uma visita de casamento é um acto sensaborão, sem uma frase viva que nos acorde daquela sonolência. Não é uma comédia, é um xarope pegajoso de que nos sentamos bem livres somente quando o passo desce diante dos nossos olhos.

E' pouco melhor o *Idílio de Velhos* que teve a felicidade de ter a interpretação de Lucinda Simões, deliciosa de naturalidade e Ribeiro Lopes que na sua figura de velho amoroso, atravessa a scena alvejado e económico, amarrado a uma paixão de sessenta anos. O *Idílio de Velhos* é uma historinha para crianças, caracterizada por uma futilidade que nem ao menos lhe daria foros de novela, se em novela o autor a tivesse querido escrever.

No desempenho das duas peças deve salientar-se, além de Lucinda, Lucília e Ribeiro Lopes, Erico Braga, Calazans, Mario Corte-Real e João Lopes e em papeis de menores importância Maria Avila, Rosa, Cerca, Carlos Alves, F. Sampaio e Ricardo Castanheira.

As traduções jogam bem com as peças. Lucinda Simões foi festejada e mereceu sem reservas porque até nas peças insignificantes, consegue brilhar sempre.

DEMOCRITO

Vida politica

A Solidariedade Comunista "Caixa Auxiliadora". — Para se tratar da sua organização de trabalho em âmbito todos os seus componentes inscrevam-se no livro de registo no Arco do Marquês do Alegrete, 33, 2.º andar, até ao dia 20, pelas 20 horas, na caixa para auxilio dos filiados no Partido ou Juventudes Comunistas.

Centro Socialista do Beato. — Realiza-se no próximo dia 20, pelas 20 horas, na Calçada do Grilo, 1, A, a 5.ª de serie de sessões de propaganda eleitoral.

Faria uso da palavra os candidatos a deputados: Antonio Francisco Pereira, Eduardo dos Santos Cardoso, José Rodrigues, Martins Santarém, Borges de Castro e Mario Silva.

Camarada fixa bem

Para comprar calçado precisas duma casa que te sirva honestamente? Pois não hesites, procura o

PAVILHÃO AMERICANO

R. Marquês do Alegrete, 77

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa—Comissão de Educação e Propaganda

Em virtude da falta de competência dos membros desta comissão, reúne hoje, pelas 20 horas, para se tratar de assuntos individuais.

Núcleo de Setúbal—Reúne este núcleo para nomear novos corpos gerentes, reelegendo os seguintes camaradas: Comissão administrativa: Alvaro Simões, António Jaime Bochinho, António Fontalves, José Gordinho, António Reis, Samuel e José Viegas. Assembleia geral: Samuel Rebelo e António J. Bochinho. Caixa de Solidariedade: Eusebio A. Correia. Comissão de Propaganda: António Costa, António R. Samuel e José Gordinho.

Proposta de uma camarada, conservou-se a assembleia em silêncio por um minuto, em sinal de sentimento pelos jovens vítimas de explosão de 29 de Dezembro do ano findo.

Foi lavrado um protesto contra as autoridades espanholas que tem perseguido os nossos camaradas avançados. Ao encerrar-se a sessão, foi tirada uma quete a favor da família das vítimas da explosão que rendeu 1570.

Os que movem

FUNERAIS

Sepultaram-se no cemitério da Ajuda: Manuel Marques, Brás Mousinho de Albuquerque, Hipólito Rodrigues, Ermelinda Augusta da Silva, José Maria das Neves, Ana Vitória, Maria de Jesus, Joaquim Augusto Andias, José Ferreira Justo, António da Cruz e José Maria da Cunha.

No cemitério de Benfica: Manuel Soares, Angelina Adelaide Castro, Cecília de Barros Fonseca, Eduarda Gouveia Neves e Henrique dos Santos.

No cemitério do Lumiar: Baltazar Domingos dos Santos, Rafael Castellan Ballo, Armando Nogueira da Silva, Ana da Encarnação de Freitas, Alberto José da Silva, Emilia, Borges Macedo, Carolina da Conceição, Fernando de Andrade, Ana Tiago, Francisco Gomes Salazar, Joaquim Duarte e Maria do Ceu Ferreira da Graça.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE—A's 20,45 (8 & 4)—HOJE

Magníficos e emocionantes trabalhos da

GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

que tem obtido o mais extraordinário e colossal sucesso

Supremacia e arriscadíssima corrida de bicicleta, e moções apiaudico de todos os tempos pela

O numero mais fenomenal e mais apiaudico de todos os tempos pela

GLOBO DE AÇO

TROUPE STAIG

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil. — O Conselho Confederal, reunido ontem, apreciou vária correspondência da provincia, ficando de enviar delegados em breve a várias localidades.

Também apreciou um extrato da reunião do Conselho Confederal, onde um delegado do mesmo Conselho, fez a afirmação, de que um militante desta industria tinha sido irradiado desta Federação, por ser confiante da policia.

O Conselho Federal emprega o dito delegado a provar publicamente, que Federação irradiou qualquer delegado por tal motivo, desejando que o seu nome venha a público a fim de desfazer equívocos.

Lastima que por qualquer protesto se pretenda a outrance ferir esta Federação, quando antes deviam trabalhar para o engrandecimento da Organização Operária.

N. R. — Esta nota é extemporânea. Antes de a Federação ter reunido, isto é, no nosso numero de anteontem, já o camarada que redigiu o extrato da sessão do Conselho Confederal da C. G. T. e que parece ter determinado aquele empurramento, fez a necessária aclarção, que, desculpado, certamente foi lido por parte daquele organismo. De resto, não foi enviada a F. N. C. C., que anda tão evidentemente, com uma reticência individual.

Sindicato Unico da Construção Civil. — R. — Em uma assembleia geral, que se ocupou da carestia da vida, tendo o dito delegado deste sindicato a U. S. O., que não tem trabalhado activamente nesse sentido por falta de delegados dos restantes organismos.

O camarada Alfredo Lopes apresenta uma proposta para que se oficie a U. S. O. no sentido de que este organismo central local chame a ordem os organismos aderentes a fim de que os seus delegados a comissão pró-pressos sejam mais assíduos às reuniões, para que a mesma se desempenhe da sua missão convenientemente. Também o camarada Miranda apresentou uma proposta, que foi aprovada, para ser oficiado a U. S. O., para esta se informar do que há sobre um projectado aumento do custo do pão, e caso seja verdadeira a União se oponha a esse aumento.

Foi mais aprovado officiar a U. S. O., para que trate imediatamente e muito a sério do problema da carestia da vida.

Nomeou-se uma comissão para rever as contas do 4.º trimestre do passado ano.

Comissão profissional dos pedreiros. — Reúne esta comissão que tomou posse da gerência do corrente ano. Foram aprovados novos sócios e apreciado vário expediente. A comissão revora de contas do beneficio do camarada Félix, concluiu os seus trabalhos, convidando todas as associações e camaradas que tenham dinheiro a entregá-lo, podendo faz-lo às terças e sextas-feiras, das 20 às 22 horas.

Secção Profissional dos Pedreiros. — Em assembleia geral foi apreciado um officio dimanado da Câmara Municipal de Lisboa em resposta à forma de se construir parede a talpa, protestando a assembleia pela forma-burra como esse officio foi redigido.

Estivadores do Porto de Lisboa. — Na sua reunião de anteontem foi aprovada a seguinte moção:

"Considerando que o serviço dos estivadores não é continuo, ou seja diário; considerando que o seu ordenado é de 7400 por dia, o que não é suficiente para combater a carestia da vida;

Considerando que a Associação dos Estivadores há quatorze meses não pede aumento de salário, julgando que a vida melhorasse, mas pelo contrario a mesma duplicou;

Considerando que a Associação dos Estivadores pediu aumento de salário aos patrões para melhorar a sua situação, que é impossível poder suportar;

Considerando que os agentes de negociação vêem justiça no nosso pedido de aumento de salário, mas tem a dificuldade de o não podêr satisfazer, devido ao decreto imposto pelo governo, da sobretaxa aos barcos de navegação estrangeira;

Considerando que para os agentes de navegação pudermos aumentar o ordenado aos estivadores é preciso que o governo reduza o decreto na sua parte capital;

A Associação dos Estivadores do Porto de Lisboa, reunida, resolve:

1.º Que esta moção seja entregue ao ministro do comércio;

2.º Que o mesmo ministro reduza o decreto n.º 7.822 na sua parte capital.

Corteiros do Barreiro. — Esta associação resolveu pedir aos camaradas que ainda não se encontram associados, que o façam o mais breve possível, a fim de mais facilmente poderem dirigir-se aos industriais, contando assim com a união de todos, porque dispersos nada se pode conseguir, e até comprometer a acção que a comissão administrativa possa levar a efeito, pois pode ser possível que a classe, impelida pelas circunstâncias da vida, seja impelida para onde for necessário.

Que cumpram todos os seus deveres sindicais, comparecendo às reuniões e pagando pontualmente as suas cotas.

Afim de facilitar o pagamento das cotas, encontra-se a cobrança na Associação todos os sábados, das 19 às 21 horas.

Conselho Fiscal. — José Teodoro e Quintino e Alfredo da Silva.

Secretários da mesa da assembleia geral. — Reunido José Eugénio e Leão Luis Sabido. Para cobrador de Tires foi nomeado o camarada Domingos Francisco Ricardo. Em sessão foi apreciada a forma como os industriais tem transgredido as listas de preços da manufatura de U. S. O., sendo resolvido officiar-lhes o sentido e pedindo-lhes uma resposta imediata para, em face da mesma, resolver qual o caminho a seguir, e ir até a uma paralisação parcial. Na resposta não foi satisfatória.

Factos diversos

O ministro do trabalho esteve ontem no bulhau nas bases, que funcionam aqui no próximo coelho de mineração, emprestando de 1.700 contos para os trabalhos de construção das instalações de Vidago e Chaves, Lagos e a Póvoa do Varzim. Amante e amante, e ponto sobre o Sado.

Acceptam-se agentes e representantes nas terras de anda o não haja...

A BATALHA no Porto

CRÓNICA

Por vezes chega-se a duvidar que haja miséria e sofrimentos. Como este povo limpa as suas lágrimas e resolve a sua vida...

Por vezes chegamos a duvidar que o povo da exploração tenha levado os seus tentáculos aos lares dos trabalhadores. A chama da indecisão, quando em quando, queima-nos o juízo, e então ante o que presenciamos, levantamos a acridade sinceramente, que qual Pangloss, vivemos no melhor dos mundos possíveis. Enlevados no mais insensato sonho, transportados às mais efêmeras regiões dos devaneios embalados pelo jugo dos nossos pais modelar, o Estado nos não mete o pau dos impostos, onde os municípios nos não vibram os golpes dos tributos, onde os comerciantes nos não arremessam as suas raias, onde os seus roubos, onde os industriais nos não estelam nos seus olhos dos espelhamentos, rijamente escudados nas legiões militares que desbaratam toda a economia e todo o trabalho fomentados por um povo oprimido...

Supomos, dando expansões à nossa fantasia meteórica, ser cidadãos de uma república superior, muito mais sublime do que a prevista pelos Tomás Moore e Campanellas, ou, pelo menos, da arquitectura, nos tabuleiros dos antigos comícios, pelas cabeleiras ondulantes que iconoclastavam a titania ladeada de todos os que roubavam e viviam à custa do povo, desde os governos aos financeiros, desde o burocrata ao comércio e indústria, armados de trabuco em punho.

Deslumbrados por esta magestosa visão, que nos dá uns momentos de vida ideal, sentimo-nos felizes por pensarmos, de quando em vez, que ninguém sofre agruras sociais de espécie alguma, todos possuindo o seu tassaço de pão, todos tendo o seu alvo leuque de linho, todos contando com a sua habitação higiénica, livres para a Vida, para o Amor, para os prazeres espirituais e intelectuais e para o trabalho, como tristes da gleba, mas como homens que reconhecem a imprescindibilidade da produção do que é essencial à existência, nas suas múltiplas manifestações.

Terrível acaração do sonho com a realidade, formidanda queda dos empalmeços essenciais para as devorações infernais.

Final tudo, crânicos; e quem, por vezes, nos faz ser crianças, é o povo das bandas, típico, incompreensível, interessante. Não há ninguém, das fôrças vivas, que o não escote; não há ninguém, dos seus donos dirigentes, que o não intrigue. As crianças não tem mente, os lares não tem pão. Um viver de extrema miséria, que não faz comover os crocodilos do congresso econômico, os quais, insensivelmente, mais do que os salários e os haveres, os poucos farrapos, da turba explorada.

Que os do ditto virvo, na sua tenebrosa comissão de rapinagem, distendam as suas garras, já não é caso para admirar; o que nos assombra é que o público tenha um processo muito original de se defender das arremetidas comerciais, das que constituem uma vantagem, não para si, mas para os que traficam. Limpas as lágrimas dos seus sofrimentos com os seus mavisos dos seus harmoniosos, fustiga as suas amarguras com o rasgo das suas violas, remedia os seus rapinamentos com o trinar das guitarras e resolve a sua miséria com os cantos ao desafio. Para se despenhar, para registrar os seus haveres das casas de penhores, vai rodopiar para as romarias, onde se celebram os santos mais extravagantes... Dando, pois, assento aos costumes, o proletariado do S. Porto e Gaia, lá festejou o S. Gonçalo, comparando na sua máxima fôrça, este caso serve, às mil maravilhas, o exemplo de toda a espécie: ao povo ainda tem dinheiro para festas; a miséria é um exagero decantado pelos ritmicos da ordem. E, aproveitando este deslindado festivo e deleite assombrado de energias reactivas, todos os dominantes e assombradores vão Zabuzando o mais que podem.

Certamente que o desagrado que leva a sua vida claudrada numa oficina ou fabrica tem o direito de uns momentos de diversão. Mas também tem o dever, porque se trata do futuro próprio dos seus, de se unir e organizar para impedir os assaltos contínuos de que se vê vítima por parte dos exploradores e para preparar, evolutivamente, uma sociedade mais completa e perfeita, onde não seja admitida a fome, a fome, o abandono, a morte lenta. Mas, finalmente, o trabalhador tomba mais e mais nas suas misérias, e o mundo ficará na mesma até que o modifiquemos...

17 de Janeiro.

C. V. S.

Indicativo Único dos Operários da Indústria de Calçado, Couros e Peles

PORTO, 17. — A Comissão Administrativa, Conselho Técnico e delegados da U. S. O., nomeados numa assembleia geral ultimamente efectuada, para o presente ano, já tomaram posse dos seus cargos. A nomeação do comité geral no norte ficou para outra reunião.

Na mesma assembleia em que foram nomeados os corpos administrativos deste indicativo, a comissão pró-bandeira explicou os motivos porque esta ainda não está confeccionada, devendo, no entanto, ficar concluída por todo o mês corrente. Ficam, portanto, convidados todos os possíveis de listas a entregá-las o mais imediatamente possível. Tratou-se também da maneira como o Sindicato agrupadamente se tem desempenhado a sua missão, e a passagem dos cartões sindicais, constatando-se que todas as reclamações apresentadas pelo industrialismo tem sido satisfeitas. Estas medidas foram em virtude terminar com o período de rultuoso de, quasi completamente, os jornais inseriram nas suas colunas faltas cometidas por operários sem consciência nem escrúpulos, pelo que se verifica que a moral das classes de calçado, couros e peles se foi elevando.

Ficou incumbido o novo Conselho Técnico de trabalhar no sentido de conseguir dos poucos industriais que ainda não exigem o cartão de responsabilidade sindical, o facto, visto as vantagens para ambas as partes. Outro fim deve ser perseguido para que as classes agrupadas neste sindicato se unam mais fortemente neste momento histórico que se atravessa, a fim de resistirem às investidas da burguesia reacção e militarista, salvaguardando as poucas liberdades que se possui.

As reuniões do Conselho Técnico efectuem-se às segundas feiras, pelas 19 horas, e a sede do sindicato encontra-se aberta, todos os dias úteis, das 20 às 22 horas.

Secção da Juventude Sindicalista da Indústria de Calçado, Couros e Peles

A Juventude Sindicalista da Secção da Indústria de Calçado, Couros e Peles realizou, no dia 6 de fevereiro, uma reunião social, na sua sede, à rua do Bom Jardim, 800, com o fim de intensificar uma propaganda dirigida aos jovens da indústria, para que se organizem, como é devido. Para esta reunião, a juventude daquela secção trouxe elementos de valor.

A BATALHA na provincia e arredores

Guarda

15 DE JANEIRO

A carência da vida

Nesta região, o problema da carência da vida, cada vez se agrava mais, estando o povo operário e trabalhador em geral, quasi em condições de não poder comer.

De dia para dia encarecem os géneros de primeira necessidade. No talho da Câmara, apesar do gado ter embarratado, pela escassez de pastagens, foi aumentado o preço da carne. A batata está a 7800 a arroba, muito mais cara do que em Lisboa, indo ela daqui para lá. Igualmente subiu o azeite e o pão, estando estes géneros pelo dobro dos mesmos no capital.

Isto é simplesmente pavoroso e prova, por um lado, a indiferença perniciosa do povo da Guarda, que tudo aguenta, e, por outro, a falta de sentimentos, de honestidade daqueles que provocam as almas, os quais não atendem a nada, a não ser aos seus insaciáveis interesses materiais.

Pois será crível que a vida aqui esteja muito mais cara do que em Lisboa, sem que nisso haja grande exploração, grande infâmia?

Para cúmulo já deixou de ser fornecida às classes mais necessitadas, a batata, a preços mais razoáveis, pelo comissário dos abastecimentos.

Os vagões de batatas já saem em grande número, desta região, sem a percentagem justíssima que se exigia, para os gastos locais. Assim, dentro em pouco estaremos absolutamente privados desse género.

A direcção da Associação 1.º de Maio vai ocupar-se do assunto, tentando todos os meios para que a sorte dos pobres melhore e para que os gananciosos não sejam tão desmedidos, tão brutais, tem desumanos na senda de explorar a miséria, que por toda a parte se alarga, fazendo vítimas e estragos inúmeros.

Que o operariado da Guarda, que todos os pobres, que todos os explorados saibam corresponder aos esforços que se vão empregar, apoiando, dando fôrça e dando ânimo aos esforços da aludida entidade, para o que devem fazer a maior propaganda e frequentar a Associação 1.º de Maio, onde a questão momentosa deve ser discutida o mais possível.

Um espectáculo de benefício

Vão adiantados os ensaios do grupo dramático da Associação 1.º de Maio, para se dar brevemente (no dia 29 se diz) uma peça, cujo produto reverta a favor da benemérita sociedade dos Bombeiros Voluntários.

É uma linda peça, cheia de verdade e de sentimento, da autoria do sr. José Augusto de Castro, intitulada «A Sociedade Futura».

O enredo é simples, mas moldado segundo o realismo pungente da vida actual, em que os ricos vexam, exploram e escarnecem os pobres, em que as mais refinadas mentiras e hipocrisias são a base de todo o valor e predomínio, e em que, todavia, já alvorece entre os explorados a aspiração de uma sociedade melhor, fundada na justiça, na igualdade de condições económicas, nos fundamentos e razões industriais da ciência. Há um rítico que desmora, que tenta seduzir por todos os meios as filhas dos operários; há trabalhadores que se revoltam, que se auxiliam mutuamente, que se dão bons conselhos; há entregas e há um padre que, vendo o bem, a verdade e a razão, se revolta, despe a batina e a entrega aos operários para fazerem dela a «Bandeira da Sociedade Futura».

A peça é boa, tem valor educativo e pode vir a exercer uma grande influência moral entre o operariado.

O seu autor traçou-a, digamos a verdade com inspiração, ainda no tempo em que na sua alma figurava, bem pouco, vivo, quente, o grande sol, o ideal da liberdade. Hoje José Augusto de Castro, com bastante mágoa o dizemos, está abatido, está desalentado, já não possui aquele calor ideológico que outrora o animava, se bem que, por momentos, ainda algumas scintillações o iluminem, como a quando do aparecimento da «Seara Nova». Bem pode ser que a sua peça «A Sociedade Futura», representada com alma por um grupo de hábeis amadores, lhe dê um pouco de ânimo e o chame, de novo, às lutas dignificadoras em prol dos oprimidos.

O grupo dramático pensa ir a Celorico e Gouveia representar a mesma peça, para o que encetou já as necessárias negociações. O produto destas recitas revertirá a favor da caixa escolar e de propaganda da Associação 1.º de Maio.

Uma conferência

O dr. sr. Alexandre Barbas, professor do liceu desta cidade, realizou, hoje, na sede da Associação 1.º de Maio, uma conferência educativa versando a história social da Rússia desde heras remotas até à actualidade.

Desenvolveu, perante uma assistência numerosa, pois a sala estava repleta, largamente o tema, chegando a conclusões muito razoáveis. Falou dos últimos tzares, da sua acção governativa no sentido de adaptarem a Rússia ao progresso dos restantes povos da Europa, uns, e de de dominarem, de reprimirem cruelmente a ância de libertação, outros, salientando a grande propaganda que os intelectuais, especialmente estudantes vindos aos povos mais adiantados cultivar-se, faziam entre os camponeses e operários russos, no desígnio de prepararem a revolução socialista, na qual se via o único remédio à miséria e à escravidão das massas.

Historiador a revolução de Kerenski, e os motivos por que ela não prevaleceu e depois a de Lénine com as razões porque triunfou e se mantém, concluindo por mostrar os reducidos frutos desta, se bem que o seu ideal insinuar uma propaganda dirigida aos jovens da indústria, para que se organizem, como é devido. Para esta reunião, a juventude daquela secção trouxe elementos de valor.

Leamos

Noticias

Alberto Silva é um novo e um modesto. Nesta época no Apolo tem contido progredido bastante. Cezaria Henriques só recentemente foi considerada discípula, mas muito promete na carreira de que tanto gosta. É natural que os dois simpáticos artistas vejam a casa a deitar por fora na sua primeira festa que esta noite realizam no Apolo.

— Amanhã, no Salão Foz, é o actor Matias de Almeida quem substitui, por deferência especial, o seu colega António Gomes, da Trindade, no «compê» da revista *Bichinha Gata*.

Esse artista deixa de representar, temporariamente, e com curta interrupção, em consequência de ter de se sujeitar a uma operação cirúrgica.

— A companhia Rius, que se estreia no Apolo a 4 de março, deve apresentar-se com a revista *fantasia Belo sexo*, que no teatro Nacional, do Porto, obteve o mais brilhante sucesso.

Reclames

Vila Nova, o amigo dedicado de tantas empresas teatrais, bem conhecido e bem estimado no nosso meio de teatro, tem a sua recita especial no Apolo, a 21, com um programa excelente, o que era desnecessário, pois os amigos que conta não precisam do reclame que possa fazer-se ao espectáculo.

— Cada vez o público mostra mais entusiasmo pela companhia de circo que se está exibindo no Coliseu e que é, sem sombra de dúvida, a melhor e mais completa que tem vindo a Portugal. A corrida de motocicletas, dentro de um globo de aço, é um número emocionante, cujos artistas, a Troupe Stalg, são ocasionadamente todas as noites.

— Todas as noites casas à cunha no Avenida, com a já célebre opereta *O Touro*.

— Os fatos das senhoras no próximo verão devem ser tem fresquinhos, se tivermos em vista o figurino que Elisa

Festas associativas

Manifesteremos de Lanifícios de Arrentela

No próximo domingo, 22 do corrente, pelas 14 horas, realiza-se na Associação dos Manifesteros de Lanifícios de Arrentela, a inauguração do retrato do camarada João Ribeiro da Silva, seguindo-se a inauguração da bandeira associativa.

Para esta festa, que terminará com uma conferência por um conhecido do movimento operário, estão convidados todos os organismos operários do concelho, esperando a direcção daquele sindicato a comparência dos delegados à hora marcada.

Finda os funerais das vítimas da explosão

A comissão que tratou dos funerais das vítimas da explosão, pede ao camarada que tenha em seu poder a bandeira dos Correios, o especial favor de a entregar à continuação da sede dos organismos operários, na Calçada do Combro.

Atropelamentos

No Banco do hospital de S. José, recebeu curativo Manuel da Costa Dias, de 21 anos, natural de Bragança, trabalhador, residente na rua das Gáveas, 42, que na noite de 1.º de Dezembro foi atropelado por um trem, ficando ferido no joelho esquerdo.

— Ontem, cerca das 13 horas, um automóvel cujo número se não pôde averiguar, por ter fugido, atropelou na rua Direita de Belem o menor de 13 anos, Alfredo Guia, filho do operário Pedro Henrique de Freitas, residente na Avenida da República, em Algés. 7.

O menor foi transportado ao posto de socorros da Cruz Vermelha, onde recebeu os primeiros socorros, recolhendo depois à sala de observações do hospital de S. José, visto apresentar fractura da base do crânio.

Instrução

Foram exonerados por abandono de lugar, Antonio Malfeito Soares, professor da escola primária superior de Santarém, e a seu pedido, Adelaide Correia Moura, professora em Maças do Caminho, concelho de Alvaizere, e Armando Gil Ramos, professor da escola movel da Póvoa, Estarreja, que foi substituído, mediante contrato, por Maria Guilhermina das Dores Simões.

— Está a concurso um lugar de professor efectivo do 5.º grupo do liceu de Évora.

Bairro Económico da Ajuda

Realizou-se a reunião do pessoal do Bairro Económico da Ajuda, promovida pela comissão de melhoramentos do S. U. da C. Civil, na secção de Belem. O secretário geral da comissão expôs os trabalhos que se tem levado a efeito para se conseguir melhoria de situação para o pessoal das obras do Estado, Bairros Sociais, de forma a não exista desigualdade económica. No final foi aprovado um voto de confiança à comissão de melhoramentos.

Sem assistência

Na Morgue, deram entrada Augusta Adrião, pátio do Inglês, em Chelas, e Maria Emilia, de quatro meses, rua Cidade de Cardiff, 11-cave, que faleceram sem assistência médica.

Sociedade da Cruz Vermelha

Esta benemérita sociedade promove brevemente, nas salas da Sociedade Promotora de Educação Popular, no largo do Calvário, n.º 6, em Alcântara, que gentilmente lhe foram cedidas, um grande festival composto de recita e baile, revertendo o produto da referida festa em favor do novo posto de socorros em construção na rua Rodrigues Faria.

Companhia dos Tabacos de Portugal

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL ESC. 9.000.000\$000

POR ordem do Ex.º Sr. Presidente da Assembleia Geral e a pedido do Conselho de Administração e dos termos dos Estatutos da Companhia, e convocando a reunião de uma Assembleia Geral Extraordinária, para o dia 2 de fevereiro, pelas 11 horas, na sede da Companhia, Avenida da Liberdade, 12, 1.º, a fim de:

1.º — Prover a vaga da presidência do Conselho de Administração, aberta pelo falecimento do Ex.º Sr. Francisco da Silva Viana.

2.º — Apreciar e votar quaisquer modificações estatutárias, que se lhe alicijarem convenientes.

Esta Assembleia compõe-se dos Accionistas de 50 ou mais acções nominativas inscritas nos registos da Companhia, trinta dias antes da reunião, e dos Accionistas de 30 ou mais acções ao portador, que se houverem depositado para esse efeito, com dez dias de antecedência pelo menos. O depósito especial para esta Assembleia, é cujo prazo termina em 25 do corrente, e realizável nas salas das seguintes estabelecimentos: Em Lisboa: na sede da Companhia. No Porto: no Banco Alameda. Em Paris: no Comptoir National d'Escompte.

Os srs. Accionistas habilitados a tomar parte na dita Assembleia podem fazer-se representar por mandatários, que dela fazem parte, mediante procuração, segundo a forma adoptada pelo Conselho de Administração e que se encontra impressa em cada um dos referidos estabelecimentos.

A entrega das procurações deve ser feita até à véspera do dia da reunião, em Lisboa, 15 de janeiro de 1922. — O Sec.º da Mesa da Assembleia Geral, (a) Henrique Carlos dos Santos Alves.

Damião & C.ª

Especialidades em fatos, vestidos e chapéus para crianças

57, Rua Garrett, 59 LISBOA

Telefone 2940

A. MACHADO

CANÇÕES SOCIAIS

Preço, \$05 — Pelo correio, \$80

Pedidos acompanhados da respectiva importância à administração de A Batalha.

FATOS E LANIFICIOS

A PRESTAÇÕES

Preços sem concorrência.

Serra, Neves & Esteves

Agentes de varias fabricas de lanificios.

Rua Eugénio dos Santos, 140, 2.

Gama

Grande variedade de Bilhetes, fracções e cautelas para todas as

LOTERIAS

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$15 para registro

Fornece para revender

TELEFONE 1.020 CENTRAL

PEDIDO A

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51-Lisboa

CLÍNICA DENTÁRIA

PARA AS CLASSES POBRES

(Preços de Policlínica)

Consultas das 10 às 12

MÁRIO MACHADO

Da Escola Dentária de Paris

R. Garrett, 74, 1.º — Telef. C. 4186

FABRICO MANUAL

Encontra-se nesta casa um grande sortimento de calçado para homem, senhora e criança, por preços de reclame

CALÇADO PARA CRIANÇA (para todas as idades)

Botas, pratas, vitela, desde 9650

Sapatos pratas 7600

Bom sortido em calçado de cor

CALÇADO PARA SENHORA

Sapatos de pelica, desde 11000

vitela, 2.º, desde 12600

vitela, 1.º, 13600

Sapatos de verniz 14600

Grande variedade em calçado da Moda

CALÇADO PARA HOMEM

Botas brancas, vitela, desde 13600

pratas 21400

Calçado de luxo 27800

Calçado de agasalho, muito barato

Grande Armazem de Calçado

21, Largo Rodrigues de Freitas, 21-A

(Antigo Arco de Santo André)

